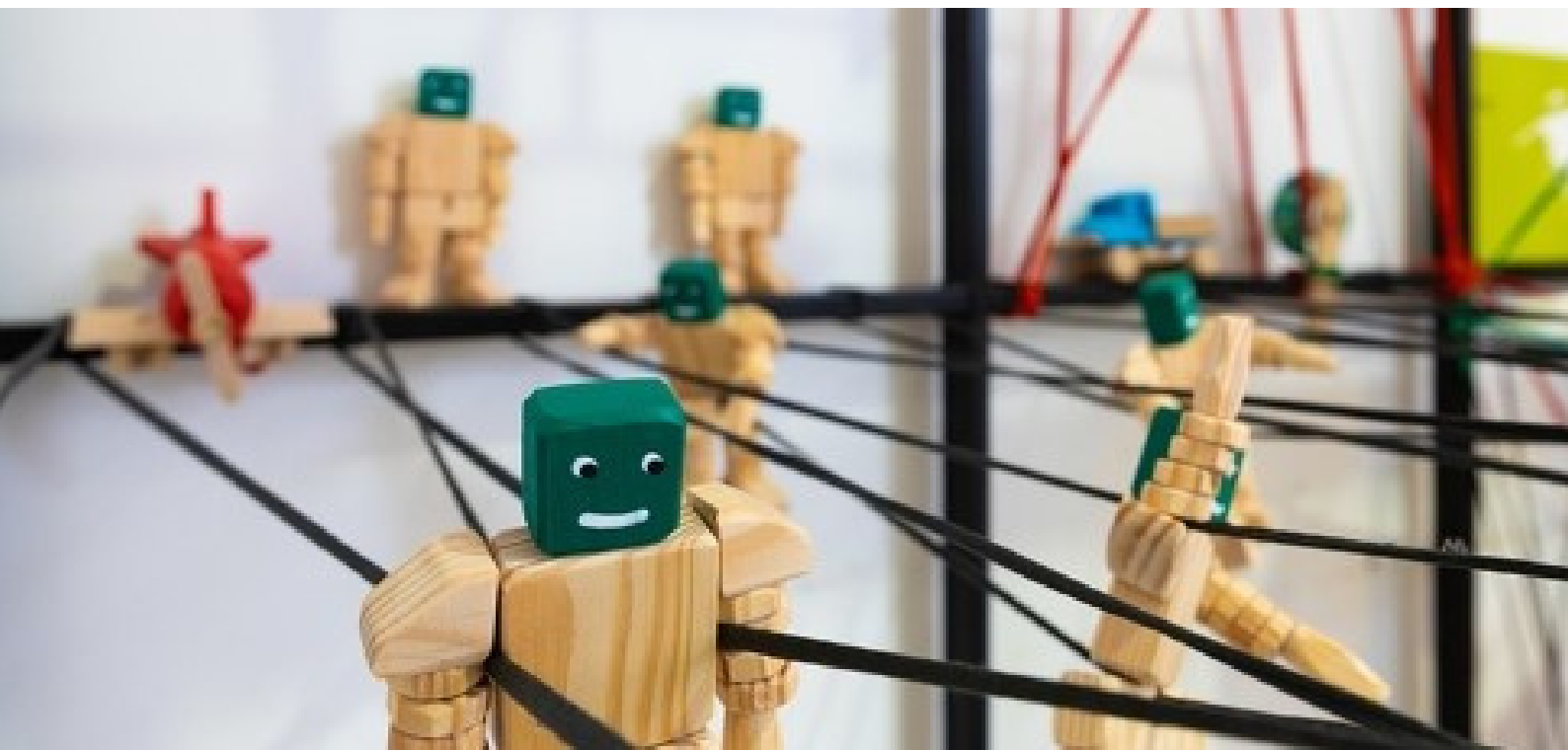




FUNDAÇÃO AGA KHAN

# PLNM EM INTERAÇÃO

## BOLETIM DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS



**Celebração do Dia Mundial para a Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento**

**N.º 5 | JULHO DE 2024**

**A Fundação Aga Khan é uma agência da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento.**

---

#### FICHA TÉCNICA

Título: PLNM em Interação — Boletim de uma Comunidade de Práticas

N.º 5 | Celebração do Dia Mundial para a Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento

Autoria: Fundação Aga Khan e Alexandra Barreto, Alexandra Martinho, Joaquim Segura, Teresa B. Oliveira

Fotografias: Fundação Aga Khan, Canva

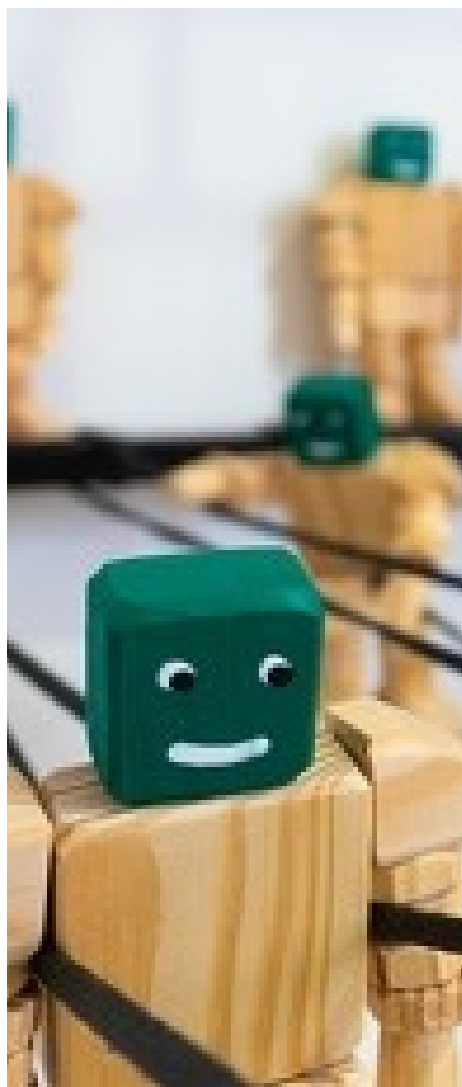


*Três quartos dos principais conflitos mundiais têm uma dimensão cultural. Colmatar o fosso entre culturas é urgente e necessário para a paz, a estabilidade e o desenvolvimento.*

*A diversidade cultural é uma força motriz do desenvolvimento, não só no que diz respeito ao crescimento económico, mas também como conseguir uma vida intelectual, emocional, moral e espiritual mais gratificante. Este facto está patente nas convenções culturais que constituem uma base sólida para a promoção da diversidade cultural.*

*A diversidade cultural é, pois, um ativo indispensável para a redução da pobreza e para a consecução do desenvolvimento sustentável.*

### ***Celebração do Dia Mundial para a Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento***



O boletim ***Português Língua Não Materna em Interação*** surgiu da necessidade de divulgar práticas e reflexões de um grupo de professores de PLNM e de outras disciplinas, que se juntou à Fundação Aga Khan para construir recursos inscritos em práticas pedagógicas inclusivas, refletidas e partilhadas no interior deste mesmo grupo.

Esta dinâmica de partilha e de reflexão, cultivada nos encontros regulares que se vêm realizando desde o ano letivo 2018/2019, acabou por configurar uma pequena comunidade promotora de desenvolvimento profissional. É esse trabalho de cooperação que se pretende aqui divulgar.

No âmbito do trabalho desenvolvido, o quinto número tem como temática a ***celebração do Dia Mundial para a Diversidade Cultural*** em escolas que promovem a interculturalidade. Integra, em diversos formatos (áudio, vídeo, escrita), reflexões dos professores, testemunhos de alunos e materiais/recursos pedagógicos.

A equipa editorial agradece a Carolina Silva a colaboração neste boletim n.º 5 e o seu importante papel na concretização do projeto *Português Língua Não Materna em Interação*.

## Em foco



### **Valorizar a Diversidade nas Escolas -**

Carla Calado

7

## Voz dos alunos



### **Ouvir os alunos**

Carolina Silva, Joaquim Segura,  
Teresa B. Oliveira

17

## Reflexões dos professores



11

### **Os recursos educativos de diferentes culturas nas aulas de Física-Química -**

Alexandra Martinho

### **Reflexão a propósito do Eurocentrismo nos manuais de História -**

Marília Macieira

## Recursos



18

### **Cursos, textos e práticas, livros**

### **Estendal de contos e fábulas do mundo -**

Joaquim Segura

### **Dar a conhecer a diversidade -**

### **Descobrindo a diversidade cultural das famílias: uma janela aberta para o Mundo -**

Dora Boavista

### **Curiosidades sobre os nossos países -**

Alexandra Barreto  
**29 histórias do mundo -** Isabel Guerreiro e  
Teresa Oliveira



## Em foco

Na sequência da resolução 57/249, adotada pela Assembleia Geral da ONU de 20 de fevereiro de 2003, celebra-se todos os anos, a 21 de maio, o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento com o objetivo de se homenagear não apenas a riqueza das culturas do mundo, mas também o papel essencial do diálogo intercultural para se alcançar a paz e o desenvolvimento sustentável.

Como se pode ler no texto publicado a propósito da celebração deste dia no *site* das Nações Unidas, «tendo em conta que 89% de todos os conflitos atuais no mundo ocorrem em países com um baixo nível de diálogo intercultural, o reforço do diálogo

intercultural deve ser uma prioridade para criar uma cooperação eficaz e manter a paz» (***World Day for Cultural Diversity for Dialogue and Development | United Nations***).

Considerando que a diversidade cultural é um dos traços identitários da sociedade contemporânea e, por conseguinte, das escolas, dedicamos este boletim informativo à celebração da diversidade cultural nas escolas, partindo do princípio de que a vivência da diversidade cultural deve ser uma realidade presente no quotidiano escolar e não apenas um evento singular do plano anual de atividades.

# Valorizar a diversidade nas escolas



FUNDAÇÃO AGA KHAN

Carla Calado  
Fundação Aga Khan

As evidências das mais-valias de uma **comunidade escolar coesa e com sentimento de pertença** são conhecidas da maioria das escolas e, por isso, apostar na melhoria dos ambientes educativos e no desenvolvimento de uma cultura escolar inclusiva que acolha, promova e reforce positivamente todas as pessoas por quem são – pelas suas diferentes características, referências culturais, saberes, origens, escolhas, línguas e experiências de vida – deve ser uma prioridade. Não só porque é bom para os objetivos educativos, mas porque ajuda a garantir uma sociedade mais justa e mais preparada para o futuro. E esta é a missão das escolas.

Neste sentido, é necessário compreender o que significa **Discriminação Sistémica e Institucional** e como podemos estar a contribuir para tal sem que tenhamos essa intenção ou consciência disso. O que significa? Em suma, trata-se de assumir que os ambientes e cultura das instituições, tais como a Escola, são mais favoráveis a alguns grupos do que a outros. Porquê? Porque os grupos de pessoas que pensaram e criaram as regras pelas quais estas instituições se regem pertencem a uma maioria, contando, geralmente, com pouca participação e escuta de pessoas que pertencem a grupos tradicionalmente excluídos. Este fenómeno acontece porque as experiências de exclusão geracionais levaram a que existam menos pessoas destes grupos com elevados graus académicos ou as que existem podem ser alvo de preconceitos e estereótipos e o seu

contributo ser menos valorizado e, como tal, têm menos hipóteses de chegar a cargos de decisão e de influenciar a tomada de decisão.

Assim, as instituições são criadas de forma etnocêntrica – centradas na realidade de quem as cria com as dificuldades naturais de valorizar outras perspetivas e de se colocarem do lugar de quem vivenciou experiências socioculturais muito diferentes das suas.

### Como promover uma Escola verdadeiramente inclusiva?

Não são necessários muitos recursos financeiros nem humanos para começar. Investir nas pessoas nem sempre está relacionado com custos, mas vai exigir tempo e investimento para dar frutos. Tenha em atenção que é preciso conhecer bem a realidade de cada escola, pois as medidas não serão iguais em todas as circunstâncias. Trata-se de criar uma cultura inclusiva, sentida e vivida por todas as pessoas, em que as políticas e práticas internas estão ancoradas nas estruturas aos vários níveis da organização e implicam um compromisso sério e de longo termo por parte de todas as pessoas. Não se trata de celebrar datas ou de projetos pontuais, mas de abrir espaço para uma escola efetivamente construída todos os dias por todas as pessoas.

Pode começar por assumir que a única forma de ultrapassar a perspetiva etnocêntrica é escutar de forma não julgadora – não há ideias más nem boas, só ideias. Comece por



# PLNM em Interação

## Boletim de uma comunidade de práticas

realizar um [diagnóstico participativo](#).

Conduza Grupos de Debate, aplique questionários anónimos e entrevistas aos diferentes grupos (corpo docente e não docente, fornecedores, coordenações e direção, discentes, famílias e encarregados de educação – incluindo, dentro destes grupos, pessoas de diversas idades, identidades de género e pertenças étnicas e culturais e falantes de diferentes línguas, etc.).

Perceba: como é que a escola é percecionada pelas diferentes pessoas, quais as experiências de exclusão que podem estar a ser vividas e quais são as sugestões para que a escola se possa tornar mais justa e inclusiva. Aborde temas desde o currículo escolar aos materiais pedagógicos até às diferentes experiências relacionais no contexto escolar. A informação ajuda a tomar decisões sobre como e por onde começar. Deixamos aqui um [guia](#) que pode ser uma ajuda.

Uma [checklist de avaliação](#) de diferentes aspetos dos contextos escolares pode ser uma ajuda importante como parte deste diagnóstico. Certifique-se de que este é

aplicado ouvindo pessoas que representam todos os grupos existentes e, dentro de cada grupo, pessoas com diferentes experiências de exclusão (tal como explicado acima).

Pode criar uma [comissão](#) de pessoas de dentro e fora da escola (mais uma vez, que representem todos os grupos acima referidos), para [pensar, implementar e avaliar](#) as medidas a tomar com base na informação recolhida. Desta forma garante-se que ao nível da implementação não há potenciais desvirtuamentos. E lembre-se: uma medida não beneficia da mesma forma todas as pessoas e pode ter efeitos adversos! Pode ser importante fazer conversas sobre cada proposta e uma votação geral das propostas antes destas serem incluídas no Projeto Educativo e no Plano de Atividades da escola. As decisões partilhadas trazem consigo um maior índice de eficácia, compromisso e participação de todas as pessoas! Algumas ideias podem ainda ser lideradas por grupos que geralmente não têm esse espaço, como discentes e pessoal não docente. O [Human Centered Design](#) e a [metodologia de Projetos de Inovação Comunitária](#) podem ser uma mais-valia.





Não basta ter uma escola diversa. Para um ambiente inclusivo, é necessário garantir que todas as pessoas são efetivamente bem acolhidas e que são garantidas as condições para que desenvolvam todo o seu potencial. Apostar em promover **ações de sensibilização e formação para a diversidade e inclusão** a toda a comunidade escolar é muito importante para que cada pessoa tome consciência dos seus enviesamentos, preconceitos e estereótipos e de como os ultrapassar. A Fundação Aga Khan tem disponível um **curso online gratuito** que pode ser útil!

Esta é uma tarefa que uma organização não precisa de enfrentar sozinha. Estabeleça parcerias. Existem inúmeras organizações públicas e sociais que conhecem bem os diferentes grupos e os desafios que estes enfrentam, possuindo pessoal especializado na matéria. A maioria estará disponível para apoiar, uma vez que tal faz parte da sua missão e possuem muito conhecimento e experiência sobre implementação de atividades na comunidade, podendo ainda tornar-se fornecedoras, pois muitas criam negócios sociais para angariação de fundos e para promover a inclusão económica dos seus públicos.

Em todos os passos que der, a direção deve encontrar-se informada e envolvida. Este su-

porte deve ser comunicado de forma constante e clara para toda a organização e é essencial para que as medidas implementadas atinjam os impactos esperados. No acolhimento dos novos docentes, não docentes e discentes, estes deverão ser claramente informados que a organização tem políticas e práticas inclusivas e existem padrões de comportamento claros (preferencialmente escritos) a este nível com zero tolerância à discriminação.

Por fim, há escolas que possuem uma força de trabalho diversa, que representa estatisticamente a comunidade que serve e tal ajuda a “colocar-se nos sapatos” das famílias e discentes, mas tem sido comprovado cientificamente que temos a tendência inconsciente para preferir pessoas “parecidas” connosco, por isso explore a experiência informal e características da pessoa que tem à sua frente e valorize diferentes perfis!

**Comunique** eficazmente. Assegure-se de que todas as pessoas podem entender plenamente o que pretende transmitir. A utilização das diferentes línguas em presença não só representa uma importante valorização e reconhecimento das mesmas, como pode ser um instrumento de aprendizagem de diferentes línguas para toda a comunidade escolar. O uso de ícones pode ainda ser complementar, de forma a assegu-



# PLNM em Interação

## Boletim de uma comunidade de práticas

rar uma maior compreensão dos conteúdos. Os **posters e panfletos da ICOON** podem ser uma ferramenta útil.

A sua **comunicação interna e externa** também deve espelhar de forma clara uma preocupação inclusiva. Nos *sítes*, manuais, cartazes e comunicação que a escola produz e utiliza, a preocupação de assegurar uma **representatividade adequada** dos grupos em presença é de extrema importância. Será de evitar, no entanto, imagens demasiado “folclorizadas” ou desajustadas das comunidades, com representações pouco reais da forma como as pessoas se vestem ou comportam – com cuidado para não reforçar estereótipos e preconceitos! A ideia é valorizar a diversidade, mas também

normalizar a existência de pessoas diversas, espelhando e não agudizando as diferenças entre si.

A escola pode ainda assinar a **Carta Portuguesa para a Diversidade**, que junta já mais de 300 organizações de todos os sectores e dimensões que pensam ativamente nesta temática e também em como promover a diversidade e a inclusão. A adesão a este movimento colaborativo é gratuita e as entidades signatárias podem participar em momentos de aprendizagem, partilha de práticas e outros eventos, bem como usufruir de vantagens exclusivas, recursos e apoio para a implementação de medidas dentro da organização.







# Os recursos educativos de diferentes culturas e as aulas de Físico-Química



Alexandra Martinho  
Agrupamento de Escolas Eça de Queirós

Numa das últimas aulas do semestre coloquei algumas questões aos alunos acerca da língua / variante linguística usada nos recursos, sobretudo vídeos, que utilizo nas aulas de Físico-Química.

Analisando as respostas às questões colocadas, que se encontram após este texto, quase todos os alunos, estrangeiros ou não, referem a importância da utilização de recursos nas suas línguas ou variantes, quando estão num país estrangeiro. Os alunos estrangeiros dizem sentir-se valorizados e integrados, sendo interessante realçar que os alunos portugueses conseguem colocar-se na posição dos colegas, projetando o mesmo tipo de sentimento e sendo sensíveis às dificuldades que eles experienciam quando vêm estudar para Portugal.

Convém referir que, quando usamos um recurso na língua de um dos alunos estrangeiros, estaremos sempre a ajudá-lo a identificar conceitos e expressões que podem ser diferentes nos dois países. Dou como exemplo o conceito de impulsão que é denominado “empuxo” no Brasil. Nesta situação, em particular, o professor deverá alertar para o facto de em Portugal se usar a primeira designação, embora não seja cientificamente errado dizer empuxo.

Quando conversei com os alunos acerca do seu processo de integração (brasileiros e guineenses), todos referiram terem-se sentido bem acolhidos, tanto pelos professores, como pelos colegas, referindo que o facto de se saberem exprimir em português os ajudou. Alguns já estão na turma há dois anos de escolaridade, tendo estabelecido dinâmicas de trabalho e de interação social com os seus pares, não se evidenciando qualquer tipo de discriminação.

Importa assinalar que o aluno que não concorda com a utilização de recursos na língua materna do aluno estrangeiro fez parte da sua escolaridade num outro país europeu, ficando a noção, a partir do seu testemunho, que a língua e cultura portuguesas não terão sido valorizadas, o que o levou a sentir alguma vergonha de ter uma língua materna diferente da dos colegas.

Assim, é minha convicção que a abordagem que cada sistema de ensino faz relativamente ao acolhimento de alunos estrangeiros, no que diz respeito ao tipo de oportunidades oferecidas e à valorização da sua cultura, a forma como cada agrupamento de escolas e cada professor implementam as diretrizes emanadas pela Tutela, são fundamentais para que a integração dos alunos estrangeiros seja fundeado no respeito e na valorização das diversas culturas, encarando-se esta como uma oportunidade de enriquecimento cultural e académico para todos os elementos de uma comunidade educativa.

### ***Como se sentiram quando usei recursos nas aulas em português, variante do Brasil, ou crioulo e porquê?***

«Fico feliz por voltar a ouvir uma pessoa fora da minha família a falar a língua, porque eu gosto do crioulo.» - Ismael D.

»Senti-me bem, pois eu entendi melhor as palavras que estavam sendo ditas, é melhor para eu entender a matéria.» - Bernardo P.

«Fico feliz, os professores não passam muitos vídeos em português do Brasil.» - Vinicius A.

«Senti-me muito orgulhoso ter visto conteúdos explicativos em crioulo, porque eu sou patriota.» - Sérgio P.

## ***Como se sentiriam se estivessem a estudar num país estrangeiro e se um dos professores usasse como recurso um vídeo em português?***

«Sentir-me-ia feliz e orgulhoso e ficaria a pensar que era por minha causa que aquele vídeo estava a ser usado.» - Francisco P.

«Sentir-me-ia bem, porque me faria pensar no meu país.» - Santiago C.

«Eu ia sentir-me integrada e valorizada, por causa do esforço e empatia mostrados pelo professor, para além do “contacto” com a minha língua materna.» - Beatriz M.

«Como alguém que já viveu no exterior, sentir-me-ia envergonhado, porque seria algo fora do comum.» - Afonso A.

«Sentir-me-ia importante e incluída, iria entender bem o que era explicado.» - Mariana C.

«Sentir-me-ia mais confortável por estar a aprender numa língua que eu dominava melhor.» Henrique B.

## ***É importante que os professores usem materiais / recursos em diferentes línguas, ou variantes de uma língua?***

«Sim, para os alunos estrangeiros sentirem menos dificuldades, por exemplo, meter o vídeo na língua do país, mas as legendas na língua do aluno.» - Stephany C.

«Acho importante se houver alguém de outro país na turma, pois integra essa pessoa.» - Rodrigo F.

«Acho importante porque assim os alunos teriam mais aproveitamento com menos esforço.» - Henrique B.

«Creio que sim, é importante, para que as pessoas que vêm de fora se sintam integradas no nosso país e para entenderem as matérias bem, tal como nós.» - Carolina B.

«Sim, é melhor os professores usarem vídeos de diferentes línguas, porque algumas pessoas como eu entendem melhor.» - Bernardo P.

«Sim, como forma de interculturalidade.» - Mariana V.

«Sim, para a melhor integração das pessoas vindas de fora.» - Francisco F.

«Sim, caso tenha alunos estrangeiros com dificuldades linguísticas.» - Sérgio P.

«Não, acho que não é importante porque os alunos do exterior deviam habituar-se a ouvir a nossa língua.» - Afonso A.





# Reflexão a propósito do Eurocentrismo nos manuais de História



Marília Macieira  
Agrupamento de Escolas da Cidadela

Após a leitura do caderno de discussão ***'Ao fim ao cabo, foi a Europa que fez o mundo moderno': O Eurocentrismo na História e nos seus Manuais***, fiquei, durante algum tempo, em pausa, a olhar para o computador, a refletir como eu própria, professora de História, que me considero atenta, crítica e muito sensível a estas questões, não me tinha dado conta de tantos aspetos ali referidos, apontados como contribuidores para o eurocentrismo ou como prova do eurocentrismo.

De repente, pus tudo em causa: metodologias que uso (Será que devo fazer assim? Será que este assunto é suficientemente discutido em sala de aula e a partir das perspetivas certas? Será que estou a levantar as questões para debate/ reflexão da forma correta e mais

relevante?), os recursos, o tempo que atribuo na planificação aos diferentes temas do currículo. A verdade é que procuro sempre fazer uma abordagem crítica e conduzir os alunos a uma reflexão sobre temas como a expansão marítima, o colonialismo, a guerra santa, a supremacia europeia em vésperas da primeira guerra mundial, entre tantos outros, mas agora não me parece suficiente. Procuro sempre fazer a ligação de determinados temas que estão a ser abordados num determinado ano/ nível com outros assuntos que irão trabalhar adiante (ou o processo inverso, recordando factos já trabalhados), viajando para trás e para diante, na cronologia do currículo de História (exemplo: colonialismo/ partilha de África/ Conferência de Berlim, descolonização e problemas económicos, políticos e sociais que afetam

**«Nunca coloquei os alunos a refletir sobre os ditos “aspectos positivos”. Positivos? Positivos para quem?»**

países ex-colónias). Mas será que o faço bem? Porque, terei de admitir, a minha própria mente, está europeizada.

Aquando do estudo da Expansão portuguesa, trabalhamos sempre aspetos positivos e negativos (consequências positivas e negativas) mas, como se refere no documento suprarreferido, penso que nunca coloquei os alunos a refletir sobre os ditos “aspectos positivos”. Positivos? Positivos para quem?

Antes da leitura desta fonte, considerava o currículo da História europeísta, sim, mas considerando “normal” que assim seja. Pois nós somos europeus e a História é tão fantástica e magnificamente vasta, que considerava “normal” que nos focássemos mais na “nossa História”. É impossível trabalhar tudo, não dá tempo! Já é tão difícil cumprir o programa - considerava eu. Mas, pensando bem, é possível rever a forma de abordar o que temos nos programas, inserir outros exemplos para reflexão.

Não considerava o currículo assim tão europeísta, talvez porque sempre levo a momentos de reflexão, debate, comparação. Temos também de ser nós, professores, a abordar os temas sob outras perspetivas, sabendo esquecer um pouco o manual, o tempo para cumprir a planificação e dar aos jovens conhecimento mais amplo, com ligações até à atualidade.

Os professores devem refletir e devem também ser capazes de integrar uma visão pluralista, promovendo a integração e a educação intercultural em todas as áreas curriculares. Para mim sempre foi claro que esse trabalho tinha de ser feito. Não é um papel único das aulas de História ou de Cidadania e Desenvolvimento.

Todos devemos estar comprometidos em promover a justiça social e a equidade para todos os alunos, independentemente da sua origem.

Por isso fiquei surpreendida e entristecida todas as vezes que senti resistência, por parte de colegas, em fazerem um trabalho individualizado, quase como se o aluno fosse um estorvo, quase como se fosse sua culpa ter vindo “ali cair” e o esforço tivesse de vir só dele.

A escola não é a mesma de há vinte anos. Os alunos não são os mesmos, nem os professores o são. Porque o mundo não é o mesmo. Assim como não vai ser o mesmo daqui a outros vinte anos. Quem mais, senão a escola e o professor, a encarar a mudança, a responder aos desafios, a lutar por respostas para melhorar, integrar, acolher, ajudar a crescer e crescer?

Esforço-me por contribuir para reduzir a distância entre os alunos de diferentes culturas e levar todos a desenvolver a capacidade de apreciar a diferença e aprender com ela. Os professores devem ser capazes de criar em sala de aula um ambiente inclusivo, que valorize a diferença, em que haja diálogo e resolução pacífica de conflitos. Gostava de saber que todos se sentem num ambiente de conforto, seguro.

Os professores também devem estar dispostos a desafiar estereótipos e preconceitos. Na verdade, temos um papel fundamental para criar uma sociedade mais diversa e inclusiva.

**«Esforço-me por contribuir para reduzir a distância entre os alunos de diferentes culturas e levar todos a desenvolver a capacidade de apreciar a diferença e aprender com ela.»**

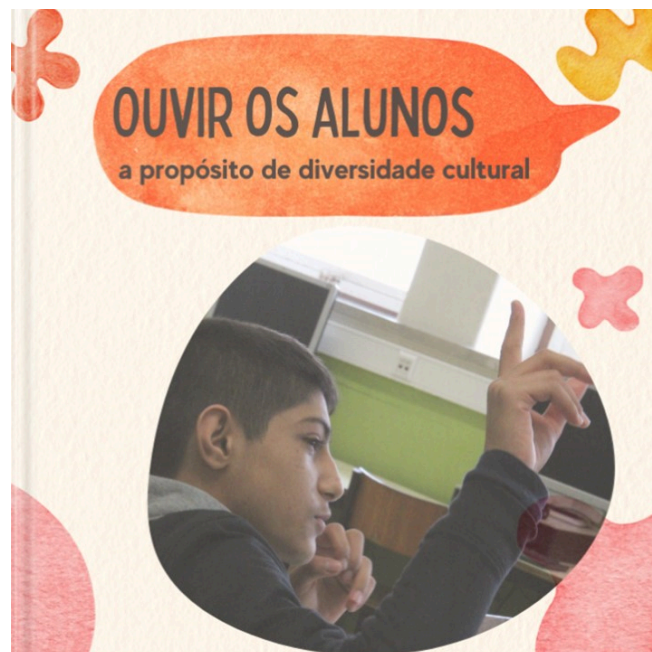




## Voz dos alunos

Carolina Silva - Joaquim Segura - Teresa B. Oliveira

Além dos testemunhos dos alunos apresentados na reflexão da professora Alexandra Martinho (páginas 11-13), incluímos, neste Boletim, a publicação **Ouvir os alunos**, que, a propósito da temática da diversidade cultural, reúne excertos de conversas tidas com alunos de diferentes agrupamentos de escolas e com idades e origens diversificadas.



Hiperligação de acesso ao livro na fotografia da capa.



PLNM em Interação

Boletim de uma comunidade de práticas



## RECURSOS

Cursos, textos e práticas,  
livros

### Cursos

Cada vez mais, interagimos com pessoas de diferentes culturas, línguas, religiões e formas de estar no mundo. A convivência com a diversidade cultural cria oportunidades de diálogo, de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social.

Com o curso **Competências para a Interculturalidade**, disponível na plataforma **NAU**, vai aprender o significado de “interculturalidade” e conhecer as diversas formas de agir coletivamente perante a diversidade.

### Competências para a Interculturalidade



- Duração: 4 horas
- Esforço: 4 horas
- Ritmo: Ao ritmo do estudante

**Diversidade e Inclusão** é um curso gratuito disponível no **The Learning Hub**, da Fundação Aga Khan, que «tem como objetivo ajudar a desenvolver a sua compreensão dos processos por detrás da discriminação e potenciar os seus conhecimentos e competências e, assim, apoiá-la na sua jornada para se tornar mais inclusiv@ e influenciar a cultura da sua organização no mesmo sentido.»

### Diversidade e Inclusão







## Textos e práticas

# Estendal de contos e fábulas do mundo



Joaquim Segura  
Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão — AE Nuno Gonçalves

Para assinalar o Dia da Biblioteca Escolar na Escola Secundária de Dona Luísa de Gusmão, do Agrupamento de Escolas Nuno Gonçalves, foi organizado um estendal de contos e fábulas do mundo.

Esta iniciativa constitui a resposta a um desafio lançado pela Rede de Bibliotecas Escolares e consistiu na divulgação de um conjunto de trabalhos elaborados em diferentes áreas curriculares, incluindo na disciplina de PLNM.

A par da pesquisa e recolha de contos tradicionais da Europa e do Mundo por parte dos alunos que têm o português como língua materna, propôs-se que os alunos de PLNM divulgassem também histórias tradicionais dos seus países de origem, apresentando-as nas suas línguas e em português.

Este estendal multilinguístico constituiu uma oportunidade para celebrar a diversidade cultural do Agrupamento.

Posteriormente, os alunos de PLNM foram desafiados a partilhar as suas histórias com os colegas do 1.º ciclo. Para o efeito, no âmbito de um projeto que permitiu

desenvolver diversas competências previstas nas Aprendizagens Essenciais, analisaram cuidadosamente a sequência narrativa das suas histórias, reescreveram os textos focando os acontecimentos mais importantes, procuraram ilustrações relevantes para cada momento da sequência narrativa e prepararam atividades para os colegas. Acrescentaram ainda informações sobre a origem das histórias, contribuindo, desse modo, para um conhecimento partilhado sobre histórias tradicionais dos quatro cantos do mundo, algumas delas muito semelhantes a outras que já faziam parte do seu imaginário.



# PLNM em Interação

## Boletim de uma comunidade de práticas

### A SAYONA

Há muito tempo, havia uma jovem que morava com quem ela tinha tido um filho recentemente.

A jovem costumava tomar banho no rio, e era espionada por um homem da aldeia. Um dia, ele a viu e perguntou o que é que ele estava a fazer. Ela ficou surpresa, optou por mentir à jovem, dizendo-lhe que seu marido era infiel e que andava a procura.

Durante a noite, com a família em casa, o jovem contou a mãe nos seus sonhos. A mulher, ciumenta, matou o marido e o seu filho. Depois, com uma mala, foi a casa da sogra e esfaqueou-a até à morte.

A mãe, no seu último suspiro, indicou à jovem que se fosse amante do seu marido e amaldiçoou-a pelos seus crimes. Desde então, a Sayona vagueia eternamente entre os homens infelizes que caem na sua sedução para os matar.



A Sayona é um espectro pertencente à literatura oral do folclore venezuelano, que conta o aparecimento de uma mulher, elegante e aterrorizante, na região venezuelana das planícies. Também é associada a histórias de amor e morte.

A Sayona aparece até em canções como "alma Banera" ou "canções sobre lendas de Lanera da Venezuela".

História

### O PASTOR E A TECELÃ

Diz a lenda que a neta do antigo imperador, uma jovem tecelã, era boa e tecer tecidos e tecia nuvens coloridas para o céu todos os dias. Ela odiava essa vida entediante, então ela, secretamente, desceu para o mundo mortal.

Casou-se com um pastor, em Hexi, e viveu uma vida de pastora e tecelã. O incidente irritou o Imperador do Céu que decidiu capturar a jovem tecelã, levando-a de volta ao Templo do Céu e ordenou que eles se separassem. Eles só foram autorizados a encontrar-se na Ponte Magpie uma vez por ano, no sétimo dia do sétimo calendário lunar.

O seu amor constante comoveu os pássaros e incontáveis aves voaram e construíram uma ponte através do Tianhe (o rio no céu) com os seus corpos, permitindo que o pastor e a sua jovem amada se encontrassem nesse local.



O pastor e a tecelã é uma famosa história de amor popular da China antiga, e é também um dos quatro principais contos folclóricos chineses.

Esta história foi transmitida de geração em geração há mais de milhares de anos. Atualmente, este dia é visto como a vinda da primavera, o "Dia dos Namorados".

História chinesa recontada por Yujie

### DHON CHOLECHA

Uma vez uma menina chamada Punakhu Maincha. Como a mãe dela era muito jovem, ela tinha uma madrasta e uma irmã mais velha mal tratada, porque era ela que fazia todos os trabalhos domésticos e a amiga que ela tinha era a sua cabra Dhon Cholecha.

Na verdade, sempre foi saudável e feliz e a madrasta tinha medo de saber porque é que a Maincha era mais saudável do que a irmã, quem alimentava e mimava tão bem. Um dia, a madrasta decidiu seguir a Maincha para descobrir o que se passava.

Então, a Maincha levou a sua cabra a pastar. Quando ela e a irmã foram a um local isolado, a cabra fez uma refeição quente para a irmã. Ela viu isso e perguntou à Maincha o que é que ela estava a fazer. Ela ficou assustada e pediu à irmã para não contar nada à mãe.

Na manhã seguinte, com ciúmes, contou tudo à mãe e a mãe matou a irmã. A mãe disse à Maincha: "Se tiver de acontecer, acontecerá. Não te preocupes. Enterra a irmã no jardim e lá crescerá uma grande árvore que te dará bolinhos de arroz doce".

Maincha estava sentada no topo de uma árvore. Um casal veio e pediu uma peça de fruta. Ela não sabia que eram demónios, mas ela deu-lhes uma peça de fruta. Os demónios apanharam a peça de fruta do chão. Ela fez isso.

O casal pediu que ela os acompanhasse e fosse cozinhar para eles. Eles foram para uma casa com muita riqueza e começou a cozinhar. Ela estava a cozinhar, veio um rato e disse-lhe para correr e esconder-se, porque os donos da casa eram demónios e queriam matá-la. Nesse momento, a Maincha pegou na fortuna e correu para casa.

Quando ela chegou em casa, a madrasta ficou surpreendida ao ver tanta riqueza. Os demónios conseguiram segui-la e chegaram também à casa da irmã. Quando viram a meia-irmã, pediram-lhe que cozinhasse para eles. Ela não quis, pensando que ia ficar rica, foi com eles cozinhar. Mais tarde, os demónios mataram a meia-irmã e fugiram.

Depois disso, a madrasta já não tinha a filha para a ajudar e a Maincha ficou sozinha. Tudo mudou e a madrasta viveu como empregada doméstica na própria casa até ao final da sua vida.

História nepalesa recontada por Anjali



Acesso ao e-book [aqui](#).





# Dar a conhecer a diversidade



Joaquim Segura  
Escola Secundária Dona Luísa de Gusmão - AE Nuno Gonçalves

Na sala de aula de PLNM, convivem alunos de diferentes nacionalidades e com culturas que são, por vezes, muito diferentes entre si e igualmente distintas da do país de acolhimento. É, pois, natural que surjam curiosidades sobre os países de origem dos alunos e também sobre Portugal.

Mais do que acentuar aquilo que nos separa, importa estimular o desejo de descobrir o que ainda não conhecíamos, importa perceber que há tradições e valores transversais, importa promover a consciência de que a diversidade nos enriquece, sempre num clima de respeito mútuo.

Neste sentido, ao longo do ano letivo, vão sendo dinamizados projetos e rotinas de trabalho no âmbito dos quais os alunos vão partilhando informações sobre os seus países, umas vezes para responderem a curiosidades dos colegas, outras vezes porque querem dar a conhecer o que consideram ser mais significativo nas suas culturas.

Quer se trate de um trabalho para partilhar apenas em sala de aula ou para divulgar na comunidade educativa, é fundamental não esquecer que o respeito pela diversidade cultural assenta num equilíbrio entre a afirmação da identidade e a compreensão daquilo que perspectivamos como diferente.

*«o respeito pela diversidade cultural assenta num equilíbrio entre a afirmação da identidade e a compreensão daquilo que perspectivamos como diferente»*



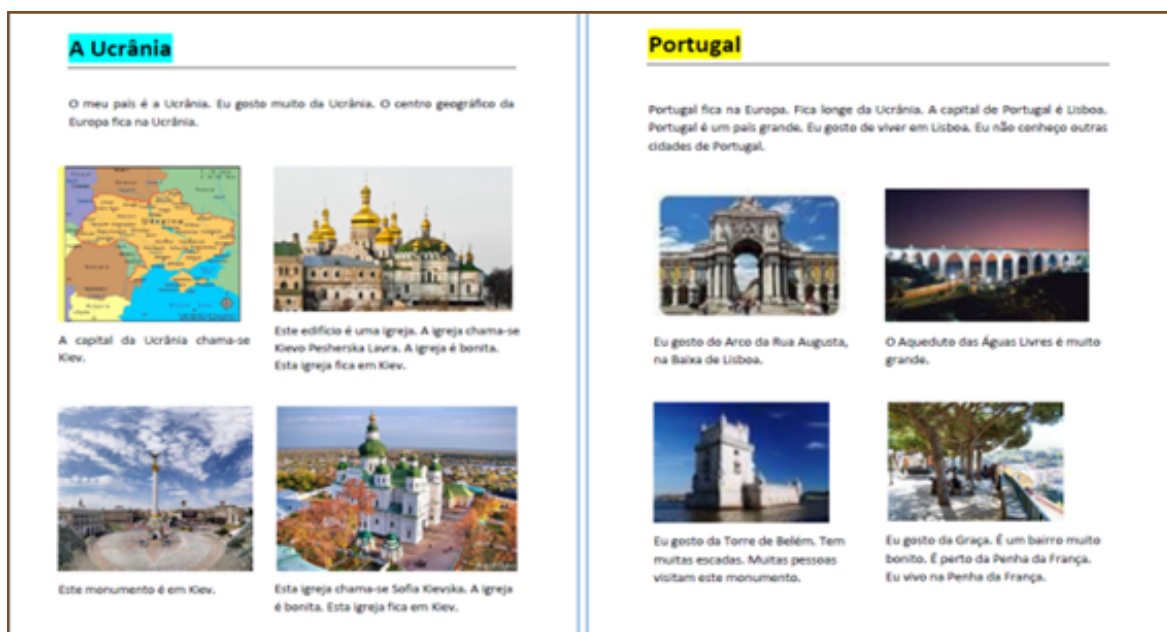
# PLNM em Interação

## Boletim de uma comunidade de práticas

Apresentam-se, a este propósito, algumas produções elaboradas pelos alunos da Escola Secundária de Dona Luísa de Gusmão.

O primeiro exemplo é constituído por duas secções de um desdobrável construído por um aluno recém-chegado a Portugal.

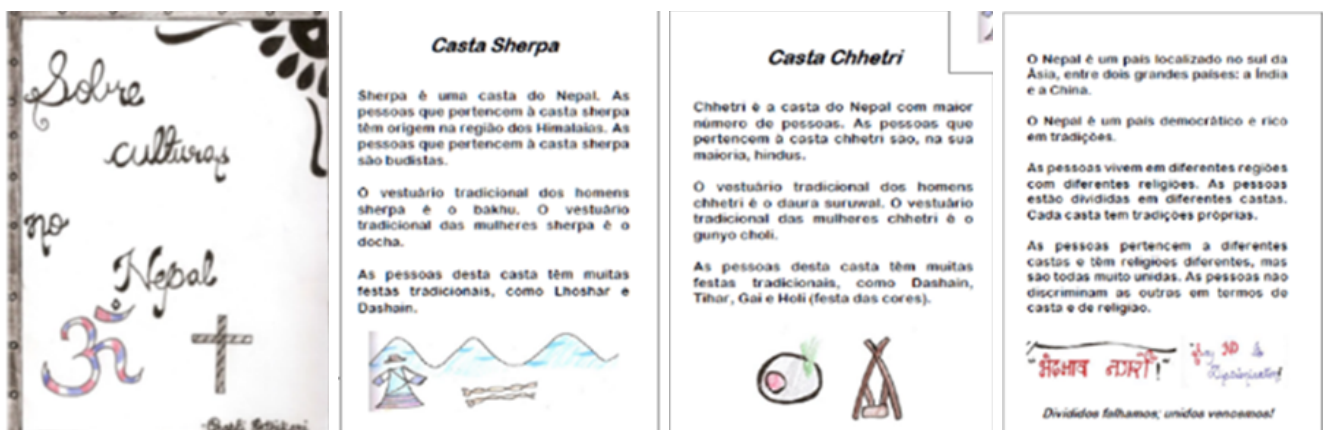
Com a ajuda de tradutores automáticos e de dicionários, este aluno dá a conhecer aquilo que gostaria que o professor de PLNM soubesse sobre o seu país e também aquilo que já conhece em Portugal.



Os restantes exemplos dizem respeito a algumas das páginas de pequenos livros que os alunos vão construindo para dar a conhecer os seus países e as suas culturas, escolhendo livremente os tópicos que querem abordar.

Estes pequenos livros passam a fazer parte

dos recursos disponíveis para trabalho em sala de aula, constituindo frequentemente o ponto de partida para outros projetos. Em muitas ocasiões, esses novos trabalhos são realizados em interação com colegas de outras nacionalidades, quebrando fronteiras e procurando uma vivência mais autêntica da diversidade cultural.





# Descobrimos a diversidade cultural das famílias: uma janela aberta para o Mundo

**CIOS**  
Centro Infantil  
Olivaís Sul

Dora Boavista  
Educadora de Infância



O **Centro Infantil Olivaís Sul** (CIOS) é uma Instituição Privada de Solidariedade Social (IPSS) do Instituto da Segurança Social I.P., que a Fundação Aga Khan assumiu, por acordo de gestão celebrado em 2009, como um contexto de experimentação e demonstração em Educação de Infância.

Criar condições para que todas as crianças alcancem o seu potencial implica uma forte parceria entre o Centro, as famílias e a comunidade, que se concretiza num Centro Integrado, tendo por base uma perspetiva ecológica e holística.

Na **Pedagogia-em-Participação**, abordagem pedagógica adotada pelo Centro Infantil, as crenças, valores e princípios assentam na democracia, no sentido da promoção da igualdade entre todos e também na inclusão de todas as diversidades, com a inclusão social das crianças e das suas famílias, promovendo a educação para a diversidade.

A inclusão e proximidade das famílias no quotidiano, no CIOS, em momentos de intervenção educativa ou em momentos mais informais, permite-nos conhecer, aproximar e descobrir que as culturas são diferentes quer fora quer dentro do mesmo país.

Partindo destes encontros familiares, tendo como objetivo o interesse das crianças, respondendo às suas questões de partida e perante a curiosidade manifestada, conjugou-se **a vontade das famílias de partilhar com o grupo de crianças as suas origens culturais diversificadas.**

Cada família preparou-se para partilhar o mais significativo da sua cultura com todas as crianças do grupo: degustação de gastronomia típica da sua região, música tradicional e danças, transmissão de palavras noutras línguas, visualização de monumentos, partilha de histórias de vida e de lendas, tal como dos objetos que caracterizam a sua região, cidade ou país.





# PLNM em Interação

## Boletim de uma comunidade de práticas

A documentação pedagógica foi sendo construída criando memórias e aprendizagens. Fomos escutando tanto as vozes das famílias como as vozes das crianças do grupo, verificando diariamente que a riqueza e diversidade destas interações permitiram a compreensão dos diferentes contextos de vida contribuindo para o desenvolvimento da jornada de aprendizagem de cada criança e do grupo.



Acesso ao e-book [aqui](#).



## Livros

### Curiosidades sobre os nossos países



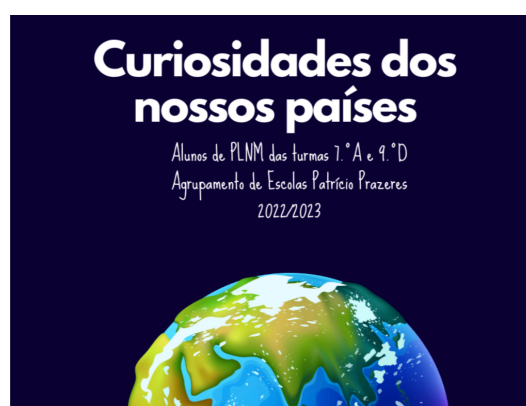
AGRUPAMENTO  
DE ESCOLAS  
PATRÍCIO PRAZERES

Alexandra Barreto  
AE Patrício Prazeres

O livro das **Curiosidades sobre os nossos países** nasceu exatamente disso, da curiosidade que os alunos tinham e que expunham em sala de aula, aos colegas de outras nacionalidades. Cumpre-se, assim, a almejada interação cultural, domínio das Aprendizagens Essenciais, onde se plasma a necessidade de «Estabelecer relações entre a cultura de língua materna e a da língua estrangeira, compreendendo as diferenças e semelhanças» e de «Reconhecer a importância das competências comunicativas nas competências interculturais». Além do exposto, o projeto foi uma oportunidade de se trabalhar oralidade e escrita.

Para a realização deste trabalho as etapas percorridas foram:

- 1 — partilha oral de algumas curiosidades dos países de origem e discussão sobre a existência de algo semelhante noutros países dos presentes em aula;
- 2 — produção escrita do discurso oral;



Acesso ao e-book [aqui](#).

- 3 — conselho de cooperação: discussão em turma sobre um rumo a dar ao trabalho feito e forma de partilha com as famílias. Decisão de realização de um livro digital, possibilitando o acesso aos pais;
- 4 — compilação dos textos nos computadores;
- 5 — gravações das vozes nas leituras;
- 6 — aperfeiçoamento e finalização;
- 7 — publicação no *site* da escola.



### 29 histórias do mundo



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS  
DA CIDADELA

Isabel Guerreiro e Teresa Oliveira  
AE da Cidadela

A antologia **29 histórias do mundo** resulta de um desafio lançado a alunos de duas turmas de PLNM e também a alunos da disciplina de Português de uma turma do 5.º ano, da Escola Básica e Secundária da Cidadela, numa iniciativa que teve por objetivo celebrar o Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Entendimento.

Acesso ao e-book [aqui](#).

PLNM em Interação

Boletim de uma comunidade de práticas

«Mais do que acentuar aquilo que nos  
separa, importa estimular o desejo de  
descobrir o que ainda não conhecíamos.»

Joaquim Segura



FUNDAÇÃO AGA KHAN







*Português Língua Não materna em Interação – Boletim de uma comunidade de práticas* está ao abrigo de uma licença de Creative Commons – Não comercial – Compartilha igual 4.0 internacional

PARA MAIS INFORMAÇÕES:  
Fundação Aga Khan Portugal  
Avenida Lusíada, 10, 1600-150 Lisboa  
Tel.: +351 217 229 000  
e-mail: [akfportugal@akdn.org](mailto:akfportugal@akdn.org)  
web: [akf.org/country/portugal/](http://akf.org/country/portugal/)

©AKF Portugal, julho 2024  
As informações deste material podem ser reproduzidas,  
mediante comunicação à Fundação Aga Khan Portugal.